EXPECTATIVAS PARA O MERCADO DE BOI GORDO EM 2021

RAFAEL RIBEIRO DE LIMA FILHO[1], HYBERVILLE NETO[2]

Na primeira metade do ano, a oferta de boiadas deverá se manter reduzida, embora maior do que em 2020. As exportações devem continuar aquecidas se o câmbio continuar ajudando, e o consumo interno deve melhorar com a retomada do crescimento da economia.

EM 2020, o mercado de boi gordo surpreendeu ao trabalhar com fortes altas de cotação em um cenário de pandemia e após um ano como 2019, que já havia sido caracterizado por valorizações expressivas para o boi gordo. Essa alta foi decorrente de dois fatores principais: queda dos abates de bovinos, o que manteve a oferta de carne limitada; e um bom ritmo das exportações, favorecido, principalmente, pela demanda da China e pelo dólar, o que enxugou ainda mais a disponibilidade interna.

Em boa parte do primeiro semestre de 2020, os custos de produção em alta – tanto dos insumos, como do boi magro para reposição – e os preços futuros desanimadores mantiveram menor a oferta de boiadas de confinamento. Isso completou o alicerce do cenário de alta da segunda metade do ano.

Em meados de novembro – marcado por preços recordes no seu início –, começou um movimento de ajuste, que avançou durante dezembro. Tomando São Paulo como referência, a desvalorização da arroba do boi gordo foi de 10,3%. O cenário de frigoríficos já com as programações feitas para o escoamento das festas permite que o cenário de pressão continue.

Com as programações definidas pelos frigoríficos para escoamento e atendimento na virada para 2021, os pecuaristas tendem a diminuir as vendas. Apesar do período de maior demanda da indústria já ter passado, a ausência de vendedores, com o "recesso" do final de ano, costuma sustentar o mercado em janeiro.

EXPECTATIVAS PARA A SAFRA 2021

Desde meados de 2018, o mercado de reposição de animais segue em alta. Isso estimula a retenção de vacas e novilhas para a produção de bezerros. Momentaneamente, com a pressão de baixa para o boi gordo, observamos recuos para as cotações das categorias mais jovens. Mas a oferta continua restrita e a projeção é de continuidade no investimento da cria.

Tendo em vista a maior oferta de vacas e novilhas registrada comumente durante o primeiro semestre, em função de questões relacionadas ao calendário reprodutivo, a expectativa é de uma oferta modesta para a safra deste ano. Historicamente, os meses com maior quantidade de fêmeas abatidas são março e maio, relacionados, respectivamente, ao final da estação de monta e à chegada da seca no Brasil Central, com a desova de final de safra.

Assim como para 2020, acreditamos que 2021 seja também um ano típico para retenção de fêmeas. Como há uma quantidade menor de vacas e novilhas para abate na chegada da seca, a pressão de final de safra deverá ser menos relevante. Quanto às exportações, a situação do câmbio possui um peso decisivo. A desvalorização do dólar frente ao real não colabora com as vendas externas.

Quando se olha a demanda internacional, a China, principal cliente do Brasil, deverá continuar com boas compras. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), os chineses importarão 3,6% mais carne bovina neste ano na comparação aos dados de 2020. Entre 2019 e 2020, o crescimento foi de 26,3%.

Para aves e suínos, no entanto, as projeções são de redução nas exportações para a China, com recuperação parcial do rebanho suíno e grandes investimentos feitos na produção de carne de frango. Isso é importante para a bovinocultura, porque o país asiático é o principal comprador de proteína animal do Brasil. Uma possível redução das compras de carnes de frango e suína pode afetar preços no mercado interno e acirrar a concorrência com a carne bovina.

Quanto ao consumo doméstico, a tendência é de melhora, com um maior ritmo da atividade econômica. Como e

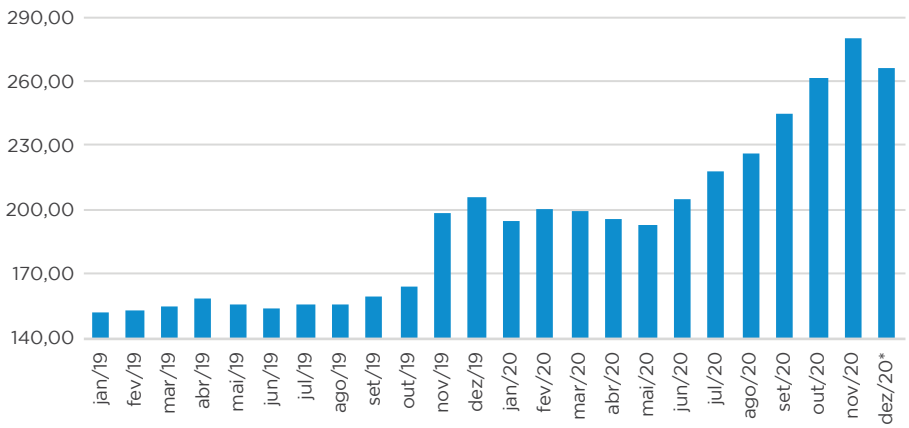
quando ocorrerá uma imunização mais generalizada contra a COVID-19 representam uma variável fundamental, com potencial para colaborar com a economia e, consequentemente, a demanda doméstica. Por outro lado, a intensidade e a duração desse aumento no número de casos, como observado atualmente, podem impactar na direção contrária a capacidade de consumo da população.

Em resumo, esperamos uma oferta de boiadas enxuta na primeira metade do ano, embora possivelmente maior do que a do mesmo período de 2020. As exportações devem continuar em um ritmo positivo, mas atenção e acompanhamento devem ser dados ao câmbio. Para o consumo doméstico, acreditamos em uma melhoria, com a economia ganhando ritmo, sempre de olho na evolução da pandemia (mais casos ou imunização).

Após este mês, que deve ter um escoamento fraco, com o provável fim do auxílio emergencial – além de janeiro ser tipicamente um mês de impostos e consumo menor –, devemos observar um mercado firme para o boi gordo, em especial no segundo semestre. De toda forma, após dois anos consecutivos de altas fortes, acreditar em um mercado semelhante em 2021, com novos patamares (ainda mais altos de preços), pode ser muito otimismo. ■

PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DA ARROBA DO BOI GORDO EM BARRETOS-SP

(EM R$, A PRAZO E LIVRE DE FUNRURAL)



*Média até 16 de dezembro de 2020
Fonte: Scot Consultoria

1 Zootecnista da Scot Consultoria
2 Médico-veterinário da Scot Consultoria

SHUTTERSTOCK

